
A HISTÓRIA DA LITERATURA REVISITADA
The History of Literature revisited

Álvaro Simões Jr.¹

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Buqui, 2017.

Mauro Nicola Póvoas é, desde 2005, professor da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e, nessa instituição, coordenou o Programa de Pós-Graduação em Letras de 2012 a 2016, cuja ênfase recai sobre a História da Literatura. Sua mais importante publicação recente apresenta-se justamente como *Uma história da literatura*, mas o artigo indefinido do título acusa a consciência crítica, por parte do autor, a respeito dos limites e contradições reconhecidos de um gênero de narrativa que, no Brasil, viveu seu apogeu entre 1888 e 1959, anos em que se publicaram, respectivamente, *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero, e *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido. Nesses 70 anos, não havia muita dúvida de que conceber historicamente o fenômeno literário era associá-lo à formação e afirmação de uma determinada nacionalidade. Segundo o entendimento então vigente, a significação ou ressonância *nacional* de uma obra é que lhe conferia a possibilidade de integrar o cânone das obras dignas de serem levadas em consideração por uma história literária. Além desses pressupostos teórico-metodológicos gerais, condicionavam a produção da história literária ao ponto de vista, repertório cultural e gosto pessoais do historiador. Como resultado, determinados movimentos literários, gêneros, autores e obras poderiam ser enfatizados em detrimento de outros, postos em segundo plano ou até mesmo eliminados da narrativa.

O artigo indefinido expressa, portanto, a modéstia de quem sabe não ser mais possível a um único indivíduo pretender abarcar de modo satisfatório um fenômeno complexo como a literatura, que resulta de

¹ Professor de Literatura Brasileira da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Câmpus de Assis, bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Contato: simoes@femanet.com.br.

múltiplos fatores. O subtítulo, “Periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX”, esclarece objetivamente o arcabouço teórico que presidiu à elaboração do texto, originado de tese de doutoramento defendida em 2005. O conceito de sistema literário, que Candido concebe como *nacional* na obra citada, é empregado por Póvoas para abordar o contexto restrito de uma comunidade regional, a do Rio Grande do Sul. No início do período formativo desse sistema, a Revolução Farroupilha (1835-1845), que instituiu a efêmera República de Piratini, drenou recursos da província para o esforço de guerra, prejudicando o desenvolvimento da instrução pública e da cultura locais. Em virtude da precariedade material e do caráter rarefeito dos públicos disponíveis, os periódicos desempenharam um papel de suma importância para a literatura local ao reunir intelectuais, estimular a sua produção regular e proporcionar-lhes um público mais ou menos numeroso e receptivo. Assim, periódicos porto-alegrenses como *O Guaíba* (1856-1858) e a *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* (1869-1879) serviram de amparo ao desejo gaúcho de constituição de uma literatura própria. Juntamente do *Corimbo* (Rio Grande, 1883-1943), esses periódicos constituem o *corpus* da história literária representada pelo novo livro por serem hoje fonte fundamental para a memória do estado do Rio Grande do Sul, encontrando-se neles vestígios salientes da vida literária local.

Como se esclarece no primeiro capítulo, intitulado “Um programa à guisa de introdução”, Póvoas dedica-se particularmente ao estudo da poesia publicada nesses periódicos, examinando sua contribuição para o cultivo da “memória local” e para a consolidação do “sistema literário sul-riograndense” (p. 23). Com essa opção, baseia-se essa nova história da literatura em produções coletivas, que são os periódicos, obras não canônicas – os poemas que ficariam esquecidos nas páginas deterioradas das revistas –, e autores obscuros para os quais a publicação em periódicos representava a única possibilidade de divulgar seu trabalho. Encontrou-se, assim, um caminho original para a reproposição de um gênero cujas limitações já haviam sido amplamente evidenciadas. No segundo capítulo intitulado “As teorias”, relata-se que a história literária, hegemônica até meados do século XX, sofreu um forte abalo com abordagens imanentistas do texto literário como o *new criticism* anglo-americano e o estruturalismo francês; e com a ascensão de uma nova disciplina universitária, a Teoria Literária.

Com a estética da recepção de Robert Jauss, abriu-se no final da década de 1960 nova possibilidade de abordagem histórica do fenômeno literário, mas dessa vez amparada na repercussão das obras junto ao público em confronto com um horizonte de expectativas construído historicamente. Novas teorias nas áreas da filosofia e antropologia continuaram, porém, a solapar as bases da história literária, solicitada cada vez mais a contemplar

“diferenças, discontinuidades e misturas” (p. 50) em detrimento da sua tradicional perspectiva unificadora e hierarquizante. Sua espinha dorsal, o cânone das obras veneráveis, passou a ser questionado pelos estudos culturais e crítica feminista, neomarxista etc. Para fugir das aporias contemporâneas, Póvoas encontra as indicações para um caminho próprio nos rastros da história (Paul Ricoeur) deixados nos periódicos, compreendidos como fontes primárias para uma nova história da literatura aberta ao marginal e desconfiada do canônico. Pretende também ir além da concepção de Antonio Candido compreendendo, como Itamar Even-Zohar, a literatura como um polissistema. Assim, além de produtor, consumidor e produto (produtor, público e obra, segundo Candido), o polissistema literário deveria englobar instituições responsáveis por sua manutenção e funcionamento, repertório (regras e materiais para a produção e o consumo) e mercado (mecanismos de venda e circulação). As antigas configurações de um determinado polissistema podem ser rastreadas nos periódicos, que desempenharam um papel fundamental para a formação da memória cultural com a qual determinado grupo pode identificar-se, segundo Paulo de Medeiros. É justamente o compartilhamento de uma mesma memória cultural que circunscreve e fortalece uma comunidade, que não coincide necessariamente com a nação.

No terceiro capítulo, intitulado “Os periódicos”, Póvoas trata, de início, das origens francesa e britânica dos periódicos literário-culturais para depois mencionar as fases do periodismo gaúcho, iniciado com o *Diário de Porto Alegre*, de 1827. Conta-se nova fase, a de consolidação, a partir do fim da Revolução Farroupilha, em 1845, até 1895, ano da fundação do *Correio do Povo* e do início da chamada fase moderna, com o estabelecimento da imprensa empresarial, que chega até hoje. Durante a segunda fase (1845-1895) e sob o influxo do romantismo, iniciaram-se os periódicos em que se baseia *Uma história da literatura*.

Em seus três anos de circulação, *O Guaíba* (Porto Alegre, 1856-1858) foi dirigido por Carlos Jansen, alemão nascido em Colônia, com a colaboração parcial de João Vespúcio de Abreu e Miguel Meireles. Com suas oito páginas dominicais, divulgou artigos de vulgarização científica ou de temática cultural e textos de elaboração literária como ficção seriada (às vezes, traduzida por Jansen), poemas, crônicas e biografias, além de matérias voltadas ao puro entretenimento como anedotas, charadas, enigmas etc. Essa revista desempenhou um papel pioneiro no estímulo e promoção da incipiente literatura gaúcha. Mais importante pela duração e realizações foi, sem dúvida, a *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* (1869-1879). A associação surgiu pouco antes de seu periódico e extinguiu-se provavelmente em 1886. Em sua longa existência, organizou uma biblioteca

e promoveu saraus e bailes. Seu nome, emprestado do templo grego cujas ruínas se encontram em Atenas, aludia às remotas origens da cultura ocidental, traduzindo, da parte dos associados, um anseio por antiguidade, tradição e estabilidade. Bailes e outros eventos culturais objetivavam provavelmente congregar a fina flor da sociedade porto-alegrense, assim como cada número da *Revista* trazia o retrato e a biografia de um gaúcho célebre, apontado implicitamente como um modelo a ser admirado e seguido. O compromisso com a formação de uma tradição local acabou por refletir-se na literatura divulgada pela *Revista*, incluindo teatro, narrativa, poesia, crônica etc. Assim como *O Guaíba*, a publicação da Sociedade Partenon reuniu intelectuais, estimulou a sua produção e contribuiu para a formação de um público leitor, mas foi mais ambiciosa ao dar origem e ampla difusão a uma literatura de inspiração regional com temas, personagens e problemas típicos dos pampas. Pode-se afirmar que a literatura regionalista gaúcha ganhou corpo graças à *Revista*.

Na cidade de Rio Grande, poucos anos depois da extinção da *Revista do Partenon*, veio à luz o *Corimbo* (1883-1943) graças ao esforço de duas irmãs: Julieta Monteiro e Revocata de Melo. As duas trabalharam lado a lado até 1928, quando faleceu Julieta Monteiro. A partir de então, Revocata de Melo foi a única responsável pela publicação de admirável longevidade. Por 60 anos, o *Corimbo* foi vencendo as compreensíveis dificuldades materiais de uma publicação de província e procurando dialogar com correspondentes de todo o Brasil e até do exterior. Oscilou ao longo do tempo quanto à periodicidade, formato e padrão gráfico, mas procurou sempre ser o repositório de uma literatura diversificada quanto aos gêneros e autores e rica em matérias de puro entretenimento, fundamentais para manter o interesse de uma parte do público escasso. Como informa Póvoas, o *Corimbo* navegou ao largo dos grandes acontecimentos políticos e sociais de seu tempo.

No último capítulo do livro, Póvoas aborda a poesia publicada nos três periódicos segundo duas categorias principais: 1ª poemas que contribuem para a preservação da memória histórica e cultural; e 2ª poemas que expressam a consolidação do sistema literário. No primeiro conjunto, colocam-se poemas que tratam da nação ou região, personagens históricas, familiares e amigos, flagrantes do cotidiano e lendas. Os poemas pertinentes ao sistema literário ou homenageiam obras, autores e instituições culturais ou adquirem aspectos metalinguísticos ao discutir a poesia e a condição do poeta ou ao estabelecer diálogos intertextuais com outras obras literárias. Em sua maioria são versos de circunstância, mas alguns deles possuem valor intrínseco por sua qualidade estética. Poetas como Bernardo Taveira Jr., Vieira Damasceno, José Bernardino dos Santos, Miguel Meireles, Rita Barém de Melo, Múcio Teixeira, Aquiles Porto Alegre, Damasceno Vieira, Caldre e

Fião e as citadas irmãs Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo revelaram grande apego à sua terra, com suas paisagens, plantas, animais, vultos históricos, lendas e costumes contemporâneos, mas também ao Brasil e seus heróis. No outro conjunto de textos, cultivaram obras e autores de predileção ou afeição, nacionais e estrangeiros, homenagearam os próprios periódicos e instituições culturais, compartilharam com o público sua compreensão da poesia e utilizaram seus versos para criar vínculos com autores contemporâneos ou do passado. Demonstraram assim, com todas essas iniciativas, o anseio de garantir uma inserção efetiva dos gaúchos no universo da literatura.

Por opor-se às exclusões praticadas pelas histórias da literatura tradicionais, pouco interessadas em literaturas “provincianas”, periódicos, autores tidos como secundários e poesia de circunstância, Mauro Póvoas conseguiu evidenciar o vigor de um sistema literário regional em suas fases iniciais.